

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

Educação Infantil: Afetividade

Por: Nathália Destefani Cossetti

Orientadora

Prof^a. Dr^a. Sandra Albernaz de Medeiros

**Rio de Janeiro
2011**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

Educação Infantil: Afetividade

Apresentação de monografia à Universidade do Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Por: Nathália Destefani Cossetti

Matrícula: 2006. 2. 351 - 181

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela força e coragem.

À minha orientadora, Sandra Albernaz, pela paciência e compreensão, pelo carinho, e por estar sempre disposta a me ceder o seu ombro amigo.

À minha leitora, Maria Elena Viana, pela disposição e pelo carinho.

À minha amiga, Déborah Gonçalves, que ao longo desses 5 (cinco) – brilhantes e que passaram depressa, diga-se de passagem – anos esteve sempre comigo, me incentivando e compartilhando comigo a sua amizade.

A todos os professores, que de alguma maneira contribuíram e muito nessa minha trajetória de sucesso.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, por tudo... Pelo exemplo que sempre me deram e são para mim, pelas oportunidades, pelo incentivo e por acreditarem na minha vitória sempre.

Ao meu irmão, pela amizade, pelo companheirismo e pela torcida.

Aos meus familiares e amigos, que perto ou longe compartilharam da minha trajetória, fazendo-se presente.

EPÍGRAFE

“[...] como professor [...] preciso estar aberto ao gosto de querer bem aos educandos e à própria prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre “seriedade docente” e “afetividade”. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar.” (FREIRE, 1996, p.159)

RESUMO

O presente estudo monográfico de cunho bibliográfico almeja avaliar a importância da afetividade na sala de aula, onde se atentou para a importância da relação professor-aluno. Para se atingir esse objetivo, foram abordados conceitos como interatividade na sala de aula na relação professor-aluno e autores como Saltini (1999), por exemplo, que ressalta que o professor precisa conhecer o seu aluno, mas deve conhecê-lo não apenas na sua estrutura bio-fisiológica e psicossocial, mas também na sua interioridade afetiva, na sua necessidade de criatura que chora, ri, dorme, sofre e busca constantemente compreender o mundo que o cerca, bem como o que ele faz ali na sala de aula. Concluiu-se que a afetividade na sala de aula está diretamente ligada com a forma com que os professores são treinados e como eles percebem a necessidade da promoção de um ambiente saudável e estimulante para que ocorra sucesso escolar.

Palavras-chave: afetividade, relação professor-aluno, aprendizagem, desenvolvimento.

ABSTRACT

The present monographic study of bibliographical matrix it longed for to evaluate the importance of the affectivity in the classroom, where if it attempted against for the importance of the relation professor-pupil, to reach this objective, he was boarded concepts as interaction in the classroom in the relation professor pupil. Authors as Saltini (1999) stand out that the necessary professor to know its pupil. But he must not only know it in its bio-physiological structure, but also in its affective interiority, its necessity of creature who cries, he laughs, he sleeps, he suffers and he constantly searches to understand the world that the fence, as well as what it makes there in the classroom. It was concluded that the affectivity in the classroom is directly on with the form with that the professors are trained and as they perceive the necessity of the promotion of a healthful environment and stimulant so that pertaining to school success occurs.

Key-words: affectivity, relationship teacher and student, learning, development

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I – Afetividade	12
CAPÍTULO II – O Professor e os Desafios da Aprendizagem	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36
REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS	38
ÍNDICE	39

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem o objetivo de analisar a importância da afetividade à adaptação da criança na escola e ao aprendizado escolar na Educação Infantil. As preocupações com o ensino e com os professores não são recentes e todas as discussões efetuadas nesse campo reportam-se às dificuldades dos alunos aprenderem, do professor em propiciar condições favoráveis para que esses aprendam e da instituição escolar que parece não estar fazendo muito também para ir ao encontro às verdadeiras necessidades dos educandos. As causas da não aprendizagem tem sido, portanto, atribuídas aos alunos e poucos professores tem questionado o seu ensino, poucas as instituições escolares tem dado condições para que a relação pedagógica possa ocorrer em acordo com as necessidades da população nela envolvida. Uma primeira tendência responsabiliza o aluno, a sua condição sócio-econômica, a sua raiz sócio-cultural e familiar pelos insucessos obtidos na escola; e uma segunda, a incapacidade da escola de suprir as deficiências apresentadas pelos alunos por falta de competência dos próprios professores para atender as demandas dessa clientela e também pela insuficiência dos recursos físicos existentes.

Acredito que o ato pedagógico por constituir-se num fenômeno complexo precisa ser intencional, o professor deve ter como objetivo fundamental auxiliar o aluno na sua tarefa de aprender e o deixá-lo ter papel ativo na sua formação, compartilhando decisões com o professor. Os alunos precisam aprender a tomar decisões, esse é o papel do professor e para que ele se capacite às instituições formadoras necessitam assumir

então um papel preponderante na sua formação, aperfeiçoando seu currículo de forma a melhor instrumentalizar, para que possam exercer o seu papel com maior competência. Penso, portanto, que o professor deve ser definido como o criador de condições mais favoráveis para que cada educando tenha de fato oportunidade de desenvolver o seu processo de aprendizagem. A qualidade das técnicas de ensino e estratégias a partir de uma análise mais profunda do processo de ensino será capaz de se relacionar mais positivamente com os rendimentos dos alunos. O manejo, o controle, a avaliação continuam sendo competências fundamentais para um professor embora não se mostrem muito como preceptores positivos da aprendizagem.

O nível de interesse inicial dos alunos tem explicado a maioria dos resultados e parece influenciar diferentemente os resultados segundo o tempo de duração do ensino, pois o relacionamento entre o nível de entrada e o final é geralmente alto, entretanto, decresce quando a duração do período de ensino é aumentada.

A afinidade que marca o ensinar e o aprender transcorre a partir de vínculos entre as pessoas. O alicerce desta relação vincular é afetiva, pois é por meio de uma forma de comunicação emocional que as pessoas se mobilizam.

A comunicação emocional incide em poder fazer com que a criança receba o contato físico, verbal, a relação de cuidados, mas isso também provoca conflitos, envolvendo amor e raiva.

Os pais e o professores, instrutores que são, devem entender que tem uma missão: construir um ser humano. Isso apenas incidirá através da obra do amor, amor qual que cobra, que é duro, que traz sofrimento e preocupação, mas, por outro lado, traz muito prazer e a realização do ato humano mais criador - fazer nascer um ser de verdade.

Portanto, é o vínculo afetivo que sustenta o processo de aprendizagem. Quaisquer aprendizagem está carregada de afetividade, já que acontece a partir da influência mútua social, num processo vincular. Pensando, designadamente, na aprendizagem escolar, o contexto que se tece entre alunos, professores, conteúdo escolar, livros, escrita, etc. não acontece puramente no campo cognitivo. Vygotsky (1994), ao destacar a importância das interações sociais, traz a ideia da *mediação* e da *internalização* como aspectos fundamentais para a aprendizagem, defendendo que a construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de interação entre as pessoas.

Partir-se-á da seguinte problemática:

Que práticas podem vir a criar vínculos para um processo ensino aprendizagem ser bem sucedido?

CAPÍTULO I

Afetividade

Ao longo de alguns, ainda não tantos, anos de magistério, sempre me indaguei quais seriam as melhores técnicas para fazer com que meus alunos realmente aprendessem os conteúdos propostos. A busca pela criação da dialogicidade sempre esteve dentro da minha vida profissional, mesmo que intuitivamente.

A dialogicidade, para Paulo Freire, está ancorada no tripé educador-educando-objeto do conhecimento. A indissociabilidade entre essas três "categorias gnosiológicas" é um princípio presente no Método a partir da busca do conteúdo programático. O diálogo entre elas começa antes da situação pedagógica propriamente dita. A pesquisa do universo vocabular, das condições de vida dos educandos é um instrumento que aproxima educador-educando-objeto do conhecimento numa relação de justaposição, entendendo-se essa justaposição como atitude democrática, conscientizadora, libertadora, daí dialógica.

Sempre acreditei que as aulas não podem se resumir a transmissão mecânica de conteúdos, elas devem ser um momento para transformação de pensamentos e construção do saber.

Uma parte importante para facilitar a aprendizagem em sala de aula corre por conta das estratégias que usamos em aula. Contribuem de maneira positiva quando são mudadas; quando as aulas expositivas são trocadas por "tecnologias" mais recentes,

originais e mais dinâmicas; quando essas técnicas propiciam a relação do grupo-classe, deixando que a aprendizagem se alcance também no relacionamento grupal, entre alunos; quando estimulam e impulsionam a participação “ativa” dos alunos no processo de aprendizagem, retirando-os da passividade costumeira; quando motivam os alunos para os estudos individuais, para as atividades programadas dentro e fora de sala e para a co-responsabilidade pelo processo de aprendizagem. Certamente, para atender essas propostas/sugestões, o professor deverá conhecer e dominar um conjunto de técnicas que lhe permitam não só variar as estratégias, como também escolher as mais adequadas para os objetivos de aprendizagem que estão previstos.

Mas para fazer com que aulas se tornem uma experiência motivadora e transformadora, acredito que falta alguma coisa, que é o desenvolvimento da afetividade. São muitos os questionamentos que tenho em relação ao tema, por exemplo, como trabalhar a afetividade e será que a afetividade pode mesmo influenciar a melhoria da aprendizagem pelos alunos? De que maneira a relação professor/aluno pode contribuir para melhoria do processo ensino aprendizagem?

Na teoria de Jean Piaget, o desenvolvimento intelectual é considerado como tendo dois componentes: o cognitivo e o afetivo. Paralelo ao desenvolvimento cognitivo está o desenvolvimento afetivo. Afeto inclui sentimentos, interesses, desejos, tendências, valores e emoções em geral.

Por sua vez, na psicogenética de Henry Wallon, a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento (LA TAILLE, 1992, p. 85). Para este pensador, a emoção ocupa o papel de mediadora. O processo de desenvolvimento infantil se realiza nas interações, que objetivam não só a satisfação das necessidades básicas, como também a construção de novas relações

sociais, com o predomínio da emoção sobre as demais atividades. As interações emocionais devem se pautar pela qualidade, a fim de ampliar o horizonte da criança e levá-la a transcender sua subjetividade e inserir-se no social. Na concepção walloniana, tanto a emoção quanto a inteligência são importantes no processo de desenvolvimento da criança, de forma que o professor deve aprender a lidar com o estado emotivo da criança para melhor poder estimular seu crescimento individual.

Este estudo se justifica, pois se observa que vivemos em um país de tamanho continental e as necessidades do povo são muitas, haja vista, que a nação brasileira, em processo de desenvolvimento, precisa instrumentalizar alunos para atuarem em um mercado globalizado altamente competitivo. Neste quadro, o professor deve se situar como transmissor de conhecimentos, e para que ele tenha sucesso, é interessante que ele atente para a importância da criação de afetividades com seus alunos.

No âmbito da educação infantil, a interrelação da professora com o grupo de alunos e com cada um em particular é constante, dá-se o tempo todo, na sala, no pátio ou nos passeios, e é em função dessa proximidade afetiva que se dá a interação com os objetos e a construção de um conhecimento altamente envolvente.

Como afirma Saltini (1997, p. 89), “essa interrelação é o fio condutor, o suporte afetivo do conhecimento”.

Complementa o referido autor:

Neste caso, o educador serve de continente para a criança. Poderíamos dizer, portanto, que o continente é o espaço onde podemos depositar nossas pequenas construções e onde elas tomam um sentido, um peso e um respeito, enfim, onde elas são

acolhidas e valorizadas, tal qual um útero acolhe um embrião (SALTINI, 1997, p. 89).

A criança, segundo Marly Santos Mutschele (1994), ao entrar na escola pela primeira vez, precisa ser muito bem recebida, porque nessa ocasião dá-se um rompimento de sua vida familiar para iniciar-se uma nova experiência, e esta deverá ser agradável, para que haja um reforço da situação.

Desse modo, quando a criança percebe que a professora a ama, e que apresenta determinadas condições como paciência, afeição, anseio de ajudar e caráter democrático, a aprendizagem torna-se mais facilitada; ao perceber os gostos da criança, o professor deve aproveitar ao máximo suas aptidões e estimulá-la para o ensino. Ao contrário, o autoritarismo, inimizade e desinteresse podem levar o aluno a perder a motivação e o interesse por aprender, já que estes sentimentos são consequentes da antipatia por parte dos alunos, que por fim associarão o professor à disciplina, e reagirão negativamente a ambos.

Através deste fortalecimento do relacionamento entre professor e aluno, o qual permite um contato mútuo, aumentará a confiança entre ambos, permitindo maior liberdade de expressão e aprendizado.

O indivíduo passa, no decorrer da sua vida, por diversas experiências, grupos de pessoas e convive com as mais diversificadas crenças, religiões e personalidades. Através deste convívio, pode viver situações constrangedoras ou engrandecer, por exemplo, com isto sofrem desilusões, aprendendo com seus erros e acertos.

Um dos grandes responsáveis pela construção do conhecimento do aluno é o professor, que participa deste processo através das aulas e das atividades desenvolvidas,

onde trabalha a auto-estima do aluno, a troca de ideias, habilidades e comportamentos. Isto se dá principalmente através das atividades lúdicas, onde o aluno participa do processo de aprendizagem, tornando-se mais seguro, alerta e crítico, expressando seus pensamentos e suas emoções.

A situação educacional no país reflete uma das mais complexas relações do ensino aprendizagem, a qual se baseia na aceitação por parte do aluno daquilo que é exposto pelo professor, e sendo a menos trabalhosa possível. É importante ressaltar que na vida profissional da educação inicia sua jornada voltada para o aluno, de forma a contribuir no ensino aprendizagem do aluno. Sabe-se que não basta punir ou recompensar o aluno para aprender ou despejar conteúdos de livros, para o aluno, o mais importante que livros são os conhecimentos, pois com isto estará utilizando na prática, ou seja, na vida.

O professor não tem o objetivo de mudar as pessoas, mas em ajudar para que as mesmas mudem. Por mais perfeita que seja uma escola, com bons equipamentos, estrutura, e por melhores que sejam os serviços oferecidos, não será completa se não possuir professores aptos e eficientes e de bom relacionamento com seus alunos. A troca de informações entre professores, alunos, escola e comunidade devem acontecer de forma contínua, considerada um instrumento de aprendizagem.

Pressuponho que a afetividade no Ensino Formal não tem sido muito atentada principalmente em Instituições de Educação Infantil. Muitos docentes tradicionais ainda acreditam que o seu lugar na sala de aula tem destaque absoluto e com essa postura o professor torna-se quase uma figura inatingível para os seus alunos. O objetivo principal deste capítulo é desmistificar esse conceito, ressaltando a

importância da criação de afetividade na relação professor e aluno como estratégia para melhor a aprendizagem e a convivência.

1.1 – A Importância da afetividade no ensino

A importância da afetividade na relação ensino aprendizagem vem sendo discutida como uma estratégia para a melhoria da qualidade do ensino.

Segundo CHALITA (2001), o artigo 2º da LDB, situado no Título II – Dos princípios e fins da educação nacional, estabelece:

Artigo 2º: A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

O pleno desenvolvimento do educando, para CHALITA (2001), significa o oposto da visão conteudista ou reducionista, que tem como foco apenas o desenvolvimento da habilidade cognitiva. Trata-se de ampliar a responsabilidade da educação para as habilidades sociais e psicológicas, priorizando a afetividade, o equilíbrio, a convivência plural. O ensino não pode ser verticalizado e resolver-se no que deva ser memorizado pelos alunos com o objetivo de aprová-los ou conferir-lhes diplomas.

Como acredita SALTINI (1999), a o espaço de ensino independente de nível deve ser o continente de um desenvolvimento da organização dos sistemas afetivos e cognitivos. Quem está aprendendo e amadurecendo não é somente o intelectual e sim um indivíduo em constante processo de nascimento.

Acredita-se que a questão da afetividade deveria ser atentada pelos docentes desde o ensino fundamental, e esta importância, encontra-se defendida nos Parâmetros Curriculares Nacionais (MEC, 1996), que indicam, como um dos objetivos do Ensino Fundamental, que os alunos sejam capazes de desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania.

De acordo com SALTINI (1999), o professor precisa conhecer o seu aluno. Mas deve conhecê-lo não apenas na sua estrutura bio-fisiológica e psicossocial, mas também na sua interioridade afetiva, na sua necessidade de criatura que chora, ri, dorme, sofre e busca constantemente compreender o mundo que a cerca, bem como o que ela faz ali na sala de aula.

WEIL(1998) afirma que existem alunos sem nenhuma dificuldade no aspecto temporal, espacial e esquema corporal, com um bom nível de inteligência, mas que fracassam na aprendizagem de conteúdos. Quando se investiga estes alunos a nível afetivo-emocional, descobrem-se conflitos relativamente graves na família interferindo em seu desenvolvimento no sentido de promoverem regressão ou fixação em fase anterior de desenvolvimento.

NOVAES (1976) salienta que o indivíduo ao ingressar no espaço de ensino formal já teve experiências relacionadas a diversas situações e irá reagir a esse novo ambiente de acordo com anteriores condicionamentos, sendo, portanto, frequente encontrarmos alunos que não conseguem adaptar-se, nem ter satisfatório rendimento nos estudos por estarem comprometidas por ansiedades e tensões psíquicas.

Tal acontecimento advém, pois a problemática emocional, ligada à situação conflitiva, absorve a disponibilidade perceptiva e reacional do indivíduo à estimulação externa, dificultando a sua integração ao meio ambiente e perturbando não só a sua capacidade de atenção, de concentração, de raciocínio, mas, sobretudo, a de relacionamento.

WEIL (1998), afirma que é rara a pesquisa sobre Distúrbios de Aprendizagem que não cita a relação existente entre dificuldades para aprender a ler e escrever e fatores emocionais. As pesquisas divergem, no entanto, na forma como enfocam a área emocional. Algumas linhas teóricas defendem a ideia de que, determinados transtornos emocionais que os alunos com distúrbios de aprendizagem apresentam são a causa do fracasso escolar, enquanto que outras linhas defendem que, a problemática emocional é consequência do fracasso escolar.

MONTEIRO (2004) deixa claro que muitos problemas de aprendizagem são gerados pela insegurança do aluno. Medo do professor, medo dos amigos, um medo de errar tão grande que os impede de tentar acertar. Muitos alunos vão acumulando dúvidas porque têm vergonha de perguntar e achar que não são inteligentes, deixam de fazer exercícios porque eles não confiam no professor o suficiente para chamá-lo até a sua carteira e pedir explicações. A percepção que tinham da escola era a de um lugar

assustador e pouco amigável e eles levam estes medos quando entram no ensino superior.

Tenho observado também, que tanto a angústia como a depressão, diminui a eficiência da aprendizagem. A perda de um ente querido ou mesmo de um animal de estimação podem ocasionar estados depressivos que impedem o aluno de se envolver no processo de aprendizagem. Da mesma forma, indivíduos com um nível muito alto de ansiedade em relação ao processo de ensino, podem apresentar dificuldades para aprender, pois seu estado permanente de tensão não lhes permite prestar atenção e participar das aulas.

As funções do ego são as que mais interferem na aprendizagem intelectual e escolar. O mau desenvolvimento destas funções e a má organização do ego interferirão de forma negativa na aprendizagem. De acordo com Freud o Ego é a parte do aparelho psíquico que está em contato com a realidade externa. Ele tem a tarefa de garantir a saúde, segurança e sanidade da personalidade. Uma das características principais do Ego é estabelecer a conexão entre a percepção sensorial e a ação muscular, ou seja, comandar o movimento voluntário. Ele tem a tarefa de auto-preservação. Com referência aos acontecimentos externos, o Ego desempenha sua função dando conta dos estímulos externos, armazenando experiências sobre eles na memória, evitando o excesso de estímulos internos (mediante a fuga), lidando com estímulos moderados (através da adaptação) e aprendendo, através da atividade, a produzir modificações convenientes no mundo externo em seu próprio benefício.

1.2 – A afetividade entre professor e aluno

A ênfase educativa não se baseia somente no desenvolvimento cognitivo, mas também nos sentimentos, no emocional, conforme apresentando anteriormente. O relacionamento entre ambos se orienta no sentido de compreensão do aluno, como uma pessoa, que cresce a partir da aprendizagem.

“A afetividade é o suporte da inteligência, da vontade, da atividade, enfim, da personalidade. Nenhuma aprendizagem se realiza sem que ela tome parte. Muitos alunos há, cuja inteligência foi bloqueada por motivos afetivos, outras há, cuja afetividade não resolveu determinados problemas, apresentando falhas no comportamento. A afetividade constitui a base de todas as reações da pessoa diante da vida e de todos os seus acontecimentos, promovendo todas as atividades”. (HILLAL, 1985, p. 18)

No relacionamento entre professor-aluno, o professor possui ferramentas que favorecem o relacionamento, sendo destaque:

- ✓ Usa aulas expositivas somente quando isso é um meio eficaz para alcançar objetivos da unidade;
- ✓ Demonstra que há explicações diversas para um mesmo fenômeno observado;
- ✓ É flexível e capaz de adaptar a programação à situação;
- ✓ Relacionada à unidade com experiências do aluno;
- ✓ Ajuda o aluno a descobrir os inter-relacionamentos de matéria;
- ✓ Evita digressões irrelevantes durante as discussões.

Luckesi (1994), afirma que o educando é caracterizado pelas múltiplas determinações da realidade, ou seja, é um sujeito ativo que pela ação, ao mesmo tempo, se constrói e se aliena, ele é membro da sociedade como qualquer outro sujeito, tendo caracteres de atividade, sociabilidade, historicidade, praticidade. É nessa linha de pensamento, que o professor deve estar atento ao fato de que o aluno é um sujeito, como ele, com capacidade de ação e de crescimento e por isso, um sujeito com capacidade de aprendizagem, conduta inteligente, criatividade, avaliação e julgamento.

Sendo assim, o educando não pode ser visto como apenas produto e resultado da ação pedagógica, mas um coparticipante do processo educacional. Esta posição do aluno sujeito e objeto da educação podem gerar particular dificuldade para a atividade do professor. É necessário que o educando seja respeitado como pessoa e passe a tratá-lo como parceiro consciente. O importante é “o amor aos educandos”, mas é preciso saber de que espécie de amor se trata. Tenho visto educadores dotados de bons propósitos, manifestando amar seus alunos, mas que na verdade são efetivamente egocêntricos, pois amam os alunos para satisfazer suas carências afetivas.

Nessas condições, em minha opinião, o ideal seria que todo educador tivesse uma formação psicanalítica, pois penso que facilitaria ainda mais o entendimento de algumas questões, para o bom desenvolvimento do relacionamento entre professor e aluno. Acredita-se com base em experiências que isso será possível através de uma efetiva comunicação didática, pois se observa que os maiores problemas em sala de aula como o de interesse, a indisciplina e a baixa produtividade decorrem geralmente do mau relacionamento professor-aluno. Manter distância (não no âmbito afetivo, mas na esfera da autonomia) em relação aos alunos é uma das formas de liberdade, pois lhe deixa maior espaço para agir. No entanto, sugere-se que o afeto e a disponibilidade do educador devem estar presentes.

“O professor não impõe conhecimentos e não deve aprovar ou desaprovar os comportamentos do aluno, mas tentar ajudá-los a refletir sobre as atitudes que estiverem em desacordo com o bem estar próprio e dos demais. Isso favorecerá mudanças conscientes responsáveis e auto-determinado se o aluno não pense que haja indiferença e sim vontade de respeitar a sua pessoa”. (WEIL, 1988, p. 103)

A facilitação do processo de aprendizagem, conforme Weil (1988), significativa envolve professor e aluno em um relacionamento interpessoal extremamente intenso, em que ambos vivenciam uma situação de trabalho, sendo que um é mais experiente e dá apoio ao outro, que está aprendendo a aprender, a tomar decisões mediante um processo dinâmico, contínuo, exploratório, atualizando-se, reformando seu auto conceito e mudando. A maravilha do conhecer não pode ser comparada à existência de fatos ou situações externas, que podemos captar e armazenar na cabeça. A vivência de qualquer experiência é legitimada de modo peculiar pela estrutura humana, que torna possível “a coisa que surge na descrição”.

“essa circularidade, esse encadeamento entre ação e experiência, essa inseparabilidade entre ser de uma maneira particular e como o mundo nos parece ser, nos diz que todo ato de conhecer faz surgir um mundo” (MATURANA VARELA; 2001: 31).

Uma apreciação perfeita das relações professor – aluno em todos os níveis, na escola ou fora dela, desvenda seu jeito essencialmente narrativo. Esta relação supõe um sujeito narrador: o professor, e supõe objetos pacientes que escutam: os alunos.

Podemos dizer que a visão de educação como procedimento construtivo é permanente, que compõe tanto o horizonte como o princípio orientados do currículo da formação de professores, complementa-se com o segundo pressuposto: a visão antropológica de aprendizagem, que é definida como de desenvolvimento de

competências, por meio da elaboração pessoal de resignificação de elementos transmitidos social e culturalmente.

“O professor apresenta-se aos seus alunos como seu contrário necessário: considerando que a ignorância deles é absoluta, justifica sua própria existência” (FREIRE, 1980, p. 79).

Os alunos aceitam sua “ignorância” como justificativa para a existência do professor e nunca descobrem que eles educam o professor.

Creio que o intuito comum da educação deveria instigar a assimilação ativa dos conhecimentos sistematizados, das capacidades, habilidades e atitudes necessárias à aprendizagem, tendo em vista a preparação para o prosseguimento dos estudos e para o mundo de trabalho. A educação pela qual entendo que devemos lutar hoje visa o desenvolvimento científico e cultural do povo, preparando indivíduos para a vida, para o trabalho e para a cidadania, através da educação geral, intelectual e profissional.

Sem medo de cometer equívoco ao generalizar, pode-se afirmar com Paulo Freire (1971:95) que na esmagadora maioria das escolas a educação mantém e ainda reforça as contradições através de atitudes tais como:

- ✓ O professor ensina, os alunos são ensinados;
- ✓ O professor sabe tudo, os alunos nada sabem;
- ✓ O professor pensa para si e para os estudantes;
- ✓ O professor fala e os alunos escutam;
- ✓ O professor estabelece a disciplina e os alunos são disciplinados;
- ✓ O professor escolhe, impõe sua opção, os alunos submetem-se;
- ✓ O professor atua e os alunos tem a ilusão de atuar graças a ação do professor;

- ✓ O professor escolhe o conteúdo do programa e os alunos que não foram consultados, adaptam-se;
- ✓ O professor confunde a autoridade do conhecimento e a sua própria autoridade profissional, que ele opõe a liberdade dos alunos;
- ✓ O professor é o sujeito do processo de formação enquanto que os alunos são simples objetos dele.

Mas, cedo ou tarde, estas incoerências podem conduzir os alunos, antes passivos, a levantar-se contra sua domesticação e a tratar de domesticar a realidade. Podem descobrir, por sua experiência existencial, que seu atual modo de vida é impossível de ser conciliado com sua vocação de serem plenamente homens. Podem perceber, através de suas relações com a realidade, que ela está verdadeiramente em evolução, em constante transformação. Se os homens são estes seres da busca e se sua vocação ontológica é a humanização, cedo ou tarde poderão perceber a contradição na qual a educação escolar procura mantê-los e se comprometerão então na luta por sua libertação.

CAPÍTULO II

O Professor e os Desafios da Aprendizagem

Um dos meios para fazer frente à realidade congelada e esmagadora de muitas escolas e trazer a vida à tona é a busca de uma educação político-estética que tenha como cerne a visão de homem como ser simbólico que se constrói coletivamente e cuja capacidade de pensar está ligada à capacidade de sonhar, imaginar, jogar com a realidade. Neste sentido o importante é estimular o aluno. Assim, ele poderá perceber que a criatividade está à mostra em todos os lugares, basta olhar e perceber o design das pontes, das casas, das roupas, dos carros e da natureza. Enfim, tudo aquilo que sofre ou não interferência do homem foi um dia imaginado, projetado e construído com muita criatividade.

É preciso que o professor seja o principal idealizador na transmissão do conhecimento, simpatia e compreensão do aluno, quando aluno e professor tem uma interação de forma positiva, a escola e a sociedade também ganham. Através deste fortalecimento do relacionamento entre professor e aluno, o qual permite um contato mútuo, aumentará a confiança entre ambos, permitindo maior liberdade de expressão e favorecendo o aprendizado.

Um dos grandes responsáveis pela construção do conhecimento do aluno é o professor, que participa deste processo através das aulas e das atividades desenvolvidas, onde trabalha a auto-estima do aluno, a troca de ideias, habilidades e comportamentos.

Isto se dá principalmente através do construtivismo e das atividades lúdicas, onde o aluno tem liberdade e autonomia e participa do processo de aprendizagem.

O aluno se torna mais seguro, alerta e crítico expressando seus pensamentos e suas emoções. Além das diversas condições essenciais para que cada aluno aprenda e se desenvolva de maneira pessoal social construtiva, é muito importante que o professor, que é parte integrante do processo educacional, seja dotado de certas características indispensáveis para o sucesso do processo ensino-aprendizagem, e no relacionamento entre o aluno e professor.

Acredito que a situação educacional no país reflete uma das mais complexas relações do ensino aprendizagem, a qual se baseia na aceitação por parte do aluno daquilo que é exposto pelo professor, sendo a menos trabalhosa possível. É importante ressaltar que na vida profissional da educação, a qual inicia sua jornada voltada para o aluno, de forma a contribuir no ensino aprendizagem dele, sabe-se que não basta punir ou recompensá-lo para aprender ou despejar conteúdos de livros, para o aluno, o mais importante, que livros são os conhecimentos, pois com isto estará utilizando na prática, ou seja, na vida.

É difícil uma avaliação sobre o desempenho do professor, são vários os quesitos que podem facilitar ou dificultar a aprendizagem dos alunos, é preciso que o professor tenha consciência do seu papel no desenvolvimento do aluno. E para esse exercício do magistério numa relação professor – aluno didaticamente mais justo e eficaz sugerem-se condições essenciais, as quais se agrupam em:

- ✓ Condições internas;
- ✓ Capacidade de adaptação;
- ✓ Equilíbrio Emocional;

- ✓ Senso de dever;
- ✓ Sinceridade e coerência de comportamento;
- ✓ Respeito pela criatura humana em todas as suas situações de vida;
- ✓ Entusiasmo e otimismo;
- ✓ Disposição de mais dar do que receber;
- ✓ Forte senso de responsabilidade;
- ✓ Empatia;
- ✓ Condições externas:

a) Preparo em conteúdo de uma área de conhecimento.

b) Cultura geral, principalmente referente à atualidade.

c) Preparo suficiente em pedagogia, a fim de poder perceber o processo educativo em seu conjunto e dependente da ação de mais de uma pessoa e de todas as áreas de atividades e conhecimentos.

d) Preparo suficiente em didática, a fim de tornar o ensino mais adequado e eficiente, no sentido de tornar o educando cada vez mais consciente de si e da realidade que o envolve e cada vez mais independente do próprio professor.

A partir da proposição acima, o professor não tem o objetivo de mudar as pessoas, mas em ajudar para que as mesmas mudem ou respeitem umas as outras. A aceitação pressupõe níveis de maturidade que resultam em manipulação dos outros. Não há um quadro de valores únicos, e muito menos deverá tentar impor os seus valores. Por mais perfeita que seja uma escola, com bons equipamentos, estrutura, e por melhores que sejam os serviços oferecidos, não será completa se não possuir professores aptos e

eficientes e de bom relacionamento com seus alunos que demonstrem o quanto isso é importante no magistério, principalmente na educação infantil, que é a base.

A troca de informações entre professores, alunos, universidade e comunidade devem acontecer de forma contínua, considerada um instrumento de aprendizagem. A universidade surge neste processo como fonte de uma necessidade de transmitir e reproduzir, a cultura, conhecimento, experiências, crenças, valores e conquistas sociais.

É muito improvável a existência de professores ideais, mesmo que alguns apresentem algumas das características apontadas como as mais desejáveis, quase sempre uma ou outra é encontrada, mas não foram aguçadas, elas podem ser desenvolvidas, mas o ideal é que se tornem um ideal.

Os esforços dos educadores devem caminhar na confiança, e no seu poder criador. Para obter esses resultados deve colocar-se ao nível dos alunos em suas relações com ele. É preciso dissolver a contradição, a falta de relação professor – aluno, mudar o papel daquele que deposita, prescreve, domestica, colocar-se como criança entre as crianças. Se considerarmos que os homens como seres são, inacabados, incompletos em uma realidade inacabada e juntamente com ela. “A influência da palavra do educador é muito grande (sobretudo em alunos adolescentes) e, embora insista verbalmente em que eles devem escolher por si mesmos, tenderão a tomar como ponto de referência a opinião do professor.” (PATTO, 1997, p.386)

Através de sua busca para convencer os alunos de seu próprio testemunho sobre a liberdade, da sua certeza na transformação da sociedade, você deve salientar, indiretamente, que as raízes do problema estão muito além da sala de aula, estão na sociedade e no mundo. Exatamente por isso o contexto da transformação não é o da sala de aula, mas encontra-se fora dela. Se o processo for libertador, os estudantes e os

professores empreenderão uma transformação que inclui o contexto fora da sala de aula. (FREIRE, 1990:46)

É preciso evitar o pessimismo, o sarcasmo e a crítica. O ensino, que até pouco tempo era centrado no professor, hoje passa a ser centrado no aluno, a aprendizagem significativa ou experimental tem a qualidade de um envolvimento pessoal, a pessoa como um todo se inclui no fato da aprendizagem, o professor é um facilitador que partilha com os estudantes a responsabilidade pelo processo de aprendizagem, ele provê os recursos da aprendizagem. Se o professor não levar em conta esses princípios, terá o mínimo de relacionamento com os seus alunos. Isso pode ser provado analisando algumas das causas do desajustamento na escola como:

- ✓ O professor os trata como se fossem todos iguais;
- ✓ O professor não aprendeu a agir inteligentemente quando irritado. Cria situações que levam o aluno ao “stress”;
- ✓ O currículo em desacordo com as necessidades reais dos alunos;
- ✓ A direção da escola trata as crianças como adultos, principalmente nas repreensões e punições.

As atividades de ensino, que os alunos e professores praticam nas aulas, devem proporcionar interesse, bem estar e harmonia, e conseqüentemente um aprendizado mais fácil e eficaz, incluindo mudanças de atitudes e sentimentos no educando. Deve-se conscientizar de que os educadores e educandos aprendem e ensinam com as experiências, as trocas e a reflexão. Na visão de Paulo Freire, destaca-se que o processo de relacionamento entre aluno e professor deve ser de forma libertadora.

2.1 – A Relação entre afetividade e cognição

Como já dito anteriormente, Piaget enfatiza que há notável paralelo entre os aspectos afetivo e cognitivo, ou seja, o afeto se desenvolve no mesmo sentido que a cognição ou inteligência. Quando o raciocínio das crianças é examinado sobre questões morais, um aspecto da vida afetiva, percebe-se que os conceitos morais delas são estabelecidos da mesma forma como os conceitos cognitivos. À medida que os aspectos cognitivos se desenvolvem, há um desenvolvimento paralelo da afetividade. As crianças assimilam as experiências aos esquemas afetivos do mesmo modo que simulam as experiências e as estruturas cognitivas. O resultado é o conhecimento.

O aspecto cognitivo tem três elementos: o conteúdo, a função e a estrutura. Portanto, o ritmo de desenvolvimento dos alunos pode não ser igual em razão do fator hereditário ou experiência de cada um. Alunos na universidade que foram crianças "brilhantes" podem se desenvolver rapidamente; Já os que foram crianças "embotadas" podem progredir mais lentamente, algumas nunca alcançando ou adquirindo completamente as operações concretas. É evidente que os fatores afetivos estão envolvidos mesmo nas formas mais abstratas, isto é, quando um aluno vai resolver um exercício de lógica, deverá haver um interesse intrínseco, um interesse extrínseco ou uma necessidade de partida. Enquanto estuda, estados de prazer, desapontamento, ansiedade, fadiga, esforço, aborrecimento e outros entram em ação.

De acordo com ARANTES (2003), Piaget não acredita num comportamento vindo da afetividade, sem nenhum dado cognitivo. Da mesma forma, não se encontra

um comportamento constituído apenas de elementos cognitivos. A afetividade interfere constantemente no funcionamento da inteligência, estimulando-o ou perturbando-o ou retardando-o. Embora os fatores afetivos e cognitivos sejam indissociáveis na conduta concreta do aluno, eles são diferentes em natureza, ou seja, a energética da conduta vem da afetividade e as estruturas vem das funções cognitivas. Portanto, a afetividade não modifica as estruturas da inteligência, sendo somente o elemento energético das condutas.

Segundo ARANTES (2033), para subsidiar suas considerações sobre as relações entre afetividade e inteligência no desenvolvimento psicológico, Piaget inspira-se em três teorias: a de Pierre Janet, a de Edouard Claparède e a de Kurt Lewin.

- **A abordagem de Claparède** destaca as noções de necessidade e satisfação para explicar a evolução psicológica em termos de equilíbrio e desequilíbrio. Claparède desenvolveu a teoria do interesse, segundo a qual toda conduta supõe dois elementos: a) uma meta ou finalidade, definida sempre pela afetividade, e b) uma técnica (conjunto de meios para atingir uma meta), definida pelas funções cognitivas. Piaget critica a simplicidade dessa divisão, argumentando que a meta já supõe uma interação entre afetividade e inteligência. A afetividade sozinha não sustenta a meta, sendo necessária a interferência das funções cognitivas. Já a técnica ou os meios não são puramente cognitivos já que incluem as motivações rumo às metas, motivações essas de cunho afetivo. Apesar de suas ressalvas, Piaget acredita ser importante distinguir a predominância dos aspectos afetivos (interesses) nas metas e dos aspectos cognitivos (estruturas) nos meios.

- **A teoria de Janet** afirma que toda conduta supõe dois tipos de ações: a ação primária, que é organizada cognitivamente e que se refere à relação entre sujeito e objetos do mundo exterior (objetos ou pessoas), e a ação secundária, regulada afetivamente e que diz respeito à relação do sujeito com sua própria ação. Piaget também se opõe à dicotomia entre ação primária e ação secundária, dizendo que em ambas existem aspectos afetivos (ligados à regulação de forças) e cognitivos (estruturais).

- Quando se refere à **teoria de Kurt Lewin**, diz que de acordo com a teoria do campo total, a estrutura intervém tanto no universo dos objetos quanto no das relações entre sujeito e objetos. Lewin repartiu o campo em dois elementos ou aspectos inseparáveis, mas diferentes: a estrutura (perceptiva intelectual) e a dinâmica (afetiva). Piaget admite ter utilizado essa diferenciação entre estrutura e dinâmica em sua abordagem das relações entre afetividade e inteligência. No entanto, substitui o termo dinâmica; por energética, já que, para ele, afetividade e inteligência são dinâmicas em termos de seu funcionamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos em tempos de inteligências múltiplas e entre elas está a inteligência emocional, que prioriza o relacionamento interpessoal, essa inteligência está aos poucos modificando o conhecimento sobre a importância da afetividade. Pesquisas acadêmicas já pontuam que as pessoas de sucesso em um âmbito globalizado e tão competitivo são aquelas que possuem Inteligência Emocional.

Na educação infantil é fundamental que professores e educadores entendam a importância da disseminação dos conceitos de Inteligência Emocional e da afetividade na questão do ensino e da aprendizagem, pois muitas vezes os alunos se encontram acuados e com medo de tirarem suas dúvidas, e eles acabam se retraindo e fica como mero espectador de um professor ditador, preso a educação tradicional, onde o professor é apenas um transmissor de conhecimento.

Os professores precisam estar abertos a dialogicidade e atentos que todos nós somos seres humanos emocionais, assim para os alunos renderem eles precisam estar bem emocionalmente, pois: Como o aluno será capaz de aprender se o mesmo não possui nenhum laço de relacionamento, respeito e/ou admiração pelo o professor? Como podemos nos relacionar em uma dinâmica onde só o professor fala e o aluno só escuta? Essa relação certamente está defasada, onde um é submisso ao outro. O conhecimento é oposto a essa submissão, a democracia deve nascer dentro das salas de aula, o aluno deve contestar, expor as suas opiniões, construir seus conceitos, esclarecer as suas dúvidas, ter voz. Professor que só fala, não ouve, e não ajuda efetivamente na construção do conhecimento.

Muitos professores da Educação Infantil acreditam ser desnecessária a afetividade para com os alunos, e muitos ainda acreditam que não é necessário acompanhar o desenvolvimento dos mesmos.

Isso certamente é um grande engano. Eles ainda estão em processo de formação e precisam sim de acompanhamento pedagógico e precisam estar bem psicologicamente, pois estão se preparando para uma formação intelectual e emocional. O professor atuante na Educação Infantil, precisa ser companheiro, um facilitador na construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: Distrito Federal, 1996.
- CHALITA, Gabriel. **Educação – A solução está no Afeto**. 8 ed. São Paulo: Editora Gente, 2001.
- FREIRE, Paulo. SHOR, Ira. **Medo e Ousadia**. 3ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- HILLAL, Josephina. **Relação Professor-aluno: Formação do homem consciente**. 2ª edição. São Paulo, Ed. Paulinas, 1985.
- LA TAILLE, Yves de et al. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.
- LUCKESI, C. C. **Filosofia da Educação**. São Paulo. Cortez, 1990.
- LUCKESI, Cipriano. **Elementos para uma Didática no contexto de uma pedagogia para a transformação**. Anais da III CBE. São Paulo: Loyola, 1987.
- MUTSCHELE, Marly Santos. **Problemas de aprendizagem da criança : causas físicas, sensoriais, neurológicas, emocionais, sociais e ambientais**. 3. ed. São Paulo : Loyola, 1994. 111 p.

MONTEIRO, Maria Therezinha de Lima. **Cognição e Afetividade: Piaget e Freud. Contribuições da neurociência cognitiva. Novos Rumos da Psicopedagogia.** Brasília: Scala Gráfica e Editora. 2004.

MOSQUEIRA, J. J. M. **O professor como pessoa.** 5 ed. Porto Alegre, Sulina, 1991.

NOVAES. **Psicologia do ensino-aprendizagem.** São Paulo: Atlas.

PATTO, Maria Helena Sousa. **Introdução à Psicologia Escolar.** 3 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia.** Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1985.

SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade & inteligência.** Rio de Janeiro: DPA, 1997.

SALTINI, C. J. P. **Afetividade e inteligência.** Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de O desenvolvimento afetivo segundo Piaget.
IN: ARANTES, Valéria Amorim; AQUINO, Julio Groppa. **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas.** SP: SUMMUS, 2004.

WEIL, Pierre. **A criança, o lar e a escola.** 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

Ballone GJ - *Alfred Adler*, in. PsiqWeb, internet, disponível em <http://www.psiqweb.med.br/>, revisto em 2005.

KRUEGER, Magrit Froehlich. **A relevância da afetividade na educação infantil**, internet, disponível em <http://www.icpg.com.br/artigos/rev03-04.pdf>.

ÍNDICE

AGRADECIMENTO	03
DEDICATÓRIA	04
EPÍGRAFE	05
RESUMO	06
ABSTRACT	07
SUMÁRIO	08
INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I	
AFETIVIDADE	12
1.1 – A Importância da afetividade no ensino	17
1.2 – A afetividade entre professor e aluno	21
CAPÍTULO II	
O Professor e os Desafios da Aprendizagem	26
2.1 – A Relação entre afetividade e cognição	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36
REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS	38



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais- CCH
Escola de Educação - EE

MONOGRAFIA II

ALUNO(A)/matricula: Nathalia Medefami Corvetti / 2006.2.351.181

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: Educação Infantil: Afetividade

ORIENTADOR(A): Sandra Albernaz de Medeiros

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: Maria Elene Viana Souza

Nota: 9,0

Considerações:

A autora trata de um tema que deve ser explorado por todos aqueles que acreditam que ter "seriedade docente" não permite que haja "afetividade" entre aluno e professor, conforme nos fala Paulo Freire.

Percebe-se que foi um trabalho realizado com muita emoção e que, talvez por isso, tenha faltado rebitarizar mais certas concepções como "é o vínculo afetivo que sustenta o processo de aprendizagem". Talvez ficasse mais adequado dizer que o vínculo afetivo é um fator importante para o processo de ensino/aprendizagem. Mas, essas "paráfrases" no texto não desvalorizam o trabalho que está muito bem escrito, claro e coerente. Parabéns Nathalia!

DATA: 13/07/2011

Assinatura: Maria Elene Viana Souza

SEGUNDO AVALIADOR

Professor orientador:

Andra Albernaz de Medeiros

Nota: 8,0

Considerações:

Professora Maria Elena expressou com precisão meu ponto de vista. Reafirmo que a temática escolhida é muito pertinente e pode mais investigações e discussões. Ponto que Nathália poderia problematizar mais seu tema, além de fazer o movimento no sentido de evitar afirmações prescritivas, com o uso dos verbos "dever", "ter que", "é necessário que" etc.

Apesar do comentário acima é importante dizer que a monografia cresceu ao longo de sua realização.

Data: 15.07.2011

Assinatura:

Andra Albernaz de Medeiros

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Média final
9,0	8,0	8,5

Rio de Janeiro, 15 de Julho de 2011.

Andra Albernaz de Medeiros

Prof. Orientador